

# A Primeira Revolução Industrial e a miserabilidade da condição humana na Inglaterra: uma análise a partir da obra “Tempos difíceis”, de Charles Dickens

*The First Industrial Revolution and the misery of the human condition in England: an analysis based on the work ‘Hard Times’ by Charles Dickens*

LORENNA MARIANO RIBEIRO  
Discente do curso de História (UNIPAM)  
E-mail: [lorennaribeiro@unipam.edu.br](mailto:lorennaribeiro@unipam.edu.br)

CARLOS ROBERTO DA SILVA  
Professor orientador (UNIPAM)  
E-mail: [carlosroberto@unipam.edu.br](mailto:carlosroberto@unipam.edu.br)

---

**Resumo:** Sabe-se que a Primeira Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra no final do século XVIII, decerto, ocasionou inúmeras mudanças em todo o mundo. A sociedade inglesa, em especial, obteve muitos benefícios, sobretudo na área industrial, porém a miséria avultou por toda a nação. Destarte, a pesquisa tem como objetivo primordial compreender o lado pouco difundido da Primeira Revolução Industrial, ou seja, evidenciar as mazelas sociais ocasionadas por esse momento histórico. Ademais, o presente estudo pretende demonstrar a literatura como fonte histórica e como ela auxilia o historiador a construir o saber histórico e a abordar temas complexos de forma mais diversificada. A pesquisa ancorou-se na abordagem qualitativa, a fim de interpretar determinados aspectos da sociedade inglesa pós-industrial. No tocante à natureza da pesquisa, fundamenta-se na pesquisa básica, já que busca contribuir com a comunidade científica sem utilizar, de fato, a pesquisa de forma prática na sociedade. A pesquisa tem caráter explicativo tendo em vista a intenção de discorrer acerca do tema mencionado e interpretar suas consequências. Por fim, os procedimentos utilizados foram, essencialmente, a pesquisa bibliográfica e documental. Ao fim do estudo, ficou evidente o quanto a Primeira Revolução Industrial originou uma sociedade miserável, em que muitos indivíduos passam a vender sua força de trabalho em troca de migalhas. Outrossim, ficou visível o quanto a literatura pode contribuir como uma fonte histórica de grande valor.

**Palavras-chave:** Primeira Revolução Industrial. Inglaterra. Industrialismo. Miséria. Literatura.

**Abstract:** It is recognized that the First Industrial Revolution, which took place in England at the end of the 18th century, brought about significant changes throughout the world. Although English society reaped many benefits, particularly in the industrial sector, misery permeated the nation. Therefore, the main objective of this research is to shed light on the little-known side of the First Industrial Revolution, that is, to highlight the social ills caused by this historical moment. Furthermore, this study aims to demonstrate the value of literature as a historical source, which can help historians build their knowledge and approach complex themes in a more diversified way. The research was based on the qualitative approach to interpreting certain aspects of post-

industrial English society. Regarding the nature of the study, it is based on basic research since it seeks to contribute to the scientific community without practically using research in society. The research is explanatory as it intends to discuss the mentioned topic and interpret its consequences. Finally, the procedures used were primarily bibliographical and documentary research. At the end of the study, it became evident how much the First Industrial Revolution created a miserable society, where many individuals were forced to sell their labor for a pittance. Additionally, it was clear how literature can be a valuable historical source.

**Keywords:** First Industrial Revolution. England. Industrialism. Misery. Literature.

---

“A fábrica absorvera o dia, as máquinas tinham sugado aos músculos dos homens todas as forças de que precisavam. O dia fora riscado do conjunto da vida, sem deixar vestígios; o homem tinha dado mais um passo para o túmulo, sem nada notar; mas podia entregar-se ao gozo do descanso, aos prazeres da imunda taverna, e estava satisfeito” (Máximo Górkki).

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A maioria da população europeia antes da eclosão da Primeira Revolução Industrial vivia nos campos, basicamente, da economia de subsistência, ou seja, os indivíduos produziam para o consumo próprio e não para o mercado. Entretanto, países como Inglaterra e França se destacavam devido a suas manufaturas. A Inglaterra, em especial, sobressaiu-se nessas atividades manufatureiras e, pouco a pouco, devido a fatores como a acumulação de capital, os cercamentos (*Enclosure Acts*), e as inovações técnicas, foi precursora da Primeira Revolução Industrial. Entretanto, apesar dos inúmeros benefícios ocasionados pela Revolução Industrial, é válido ressaltar que tal acontecimento foi, de certa forma, precursor da degradação da condição humana na Inglaterra, na medida em que a miséria se espalhava pela sociedade.

Destarte, através de diversas pesquisas bibliográficas, a presente pesquisa busca responder às seguintes indagações: “Qual a relação da Literatura com a História e como a primeira contribui para a pesquisa e o saber histórico?”; “Quais foram as razões que contribuíram para que a Revolução Industrial ocorresse especificamente na Inglaterra?” e “De que forma a Primeira Revolução Industrial contribuiu para a degradação da condição humana na sociedade inglesa?”. A partir dessas questões norteadoras, o estudo teve por finalidade analisar a face pouco discutida acerca desse momento histórico de imensurável importância, tendo como suporte de investigação a obra “Tempos difíceis”, de Charles Dickens.

Levando em consideração as inúmeras pesquisas elaboradas acerca das melhorias ocasionadas pela Primeira Revolução Industrial, a pesquisa teve por justificativa primordial demonstrar o lado pouco pesquisado sobre esse momento histórico. As benesses adquiridas após a Primeira Revolução Industrial foram inúmeras, porém, em contrapartida, a desordem social, a decadência moral e a miséria que se instauraram na sociedade inglesa foram alarmantes. Por essa razão, torna-se imprescindível discutir essas questões.

Assim, pretendeu-se demonstrar a amplitude no que tange às fontes históricas, já que foi utilizada como aparato investigativo a obra “Tempos difíceis”, de Charles Dickens. No tocante à escolha da referida obra, pode-se destacar como justificativa a narrativa que critica a sociedade inglesa do século XIX. Outrossim, é válido evidenciar a contribuição de Dickens ao analisar as problemáticas impulsionadas pela Primeira Revolução Industrial na Inglaterra, já que ele “[...] eternizaria em sua ficção as condições degradantes a que estavam sujeitos os trabalhadores nas cidades industriais emergentes [...]” (SILVA; PEREIRA, 2011, p. 129).

A Literatura pode e deve ser uma rica fonte de pesquisa para o historiador, já que é carregada de influências sociais, políticas e culturais de seu tempo, possibilitando uma excelente e diversificada fonte de pesquisa. A escritora Adriana Facina, em seu livro “Literatura e Sociedade”, aborda, justamente, essa importante relação da Literatura com a História, ao escrever que

Toda criação literária é um produto histórico, produzido numa sociedade específica, por um indivíduo inserido nela por meio de múltiplos pertencimentos. É preciso, assim, dessacralizar a criação literária, destacando a sua dimensão histórico-sociológica e rejeitando a perspectiva idealista que vê a literatura, ou mesmo a arte como um todo, como uma esfera da atividade humana completamente autônoma em relação às condições materiais de sua produção. Não se trata de negar a existência do talento individual, ou do gênio criador, mais sim de considerá-la parte da dinâmica social e, portanto, passível de ser analisada racionalmente (FACINA, 2004, p. 10).

Em consonância com Facina, é de grande importância analisar a dimensão histórica e sociológica de uma determinada obra literária e não somente compreendê-la como uma manifestação artística. Assim, a presente pesquisa analisou a obra “Tempos difíceis”, destacando as influências da sociedade industrial em que Charles Dickens estava inserido.

## 2 REVISÃO TEÓRICA

A presente pesquisa teve por objetivo analisar o cenário de miserabilidade instaurado na Inglaterra após a Primeira Revolução Industrial. Por conseguinte, tornou-se imprescindível discutir algumas questões, como o uso da Literatura na pesquisa histórica, já que o trabalho foi balizado por uma obra literária, e, por fim, foi relevante entender o pioneirismo da Inglaterra no que concerne à Revolução Industrial.

Após discorrer acerca dessas questões, a terceira parte do estudo se dedicou a pesquisar os problemas sociais que resultaram em um cenário de miséria na Inglaterra pós-industrial, utilizando como referencial a obra literária “Tempos difíceis”.

## 2.1 A LITERATURA COMO FONTE HISTÓRICA

Ensinar História significa enfrentar muitos desafios. Um deles é a dificuldade de relacionar a realidade do aluno com o conteúdo abordado. É nesse contexto que a Literatura pode atuar como uma ferramenta para possibilitar um processo de ensino-aprendizagem mais eficaz.

Ao discutir a Literatura como fonte histórica, é imprescindível mencionar a própria revolução documental que ocorreu durante o século XX, especificamente com o movimento denominado de Escola dos Annales. Acerca dessa revolução historiográfica, Pereira (2008, p. 115) aponta que

[...] a revolução documental acabou com o império do documento escrito, permitindo que o olhar do historiador se desviasse dos documentos oficiais e das tramas políticas, típicas da história positivista, para uma quantidade indefinível e enorme de vestígios do passado: imagens, filmes, crônicas, relatos de viagem, registros paroquiais, obras de arte, vestígios arquitetônicos, memória oral...

Essa mudança em relação ao tratamento com as fontes históricas foi essencial para que obras literárias pudessem ser analisadas e utilizadas em pesquisas históricas. Além da revolução historiográfica fomentada pela Escola dos Annales, é de considerável necessidade mencionar a contribuição da História Cultural, sendo definida por Pesavento (2003, p. 32) como “uma outra maneira de entender a cultura através da história, por meio das manifestações culturais consagradas, dos grandes nomes e correntes”.

Entretanto, o historiador, ao utilizar a Literatura como um aparato de pesquisa, necessita observar algumas questões e tomar alguns cuidados. Cabe ao historiador considerar diversos pontos ao se defrontar com uma obra literária. Deve-se observar, por exemplo, o contexto em que a obra foi escrita, a história do autor, bem como seu ambiente cultural e social, já que são pontos a serem analisados de extrema importância para atingir um maior rigor científico na pesquisa (BARROS, 2004 *apud* BORGES, 2010, p. 96).

O pesquisador Leandro Fernandes, em seu artigo denominado “O historiador e a literatura como fonte histórica”, menciona os cuidados ao analisar uma obra literária como um documento de pesquisa histórica, apontando que

[...] é preciso ter a perspicácia de compreender os meandros dessa escrita, ou seja, não realizar uma análise como uma fonte que tem como única utilidade amparar as demais fontes clássicas, mas sim entender que a literatura transcende muitos valores socioculturais que são passíveis de inúmeras interpretações, e que cabe ao historiador conseguir assimilar a conjunção da pesquisa histórica com

o estudo específico da literatura [...] (FERNANDES, 2015, p. 5).

Para Santos (2007 *apud* FERNANDES, 2015), um dos aspectos que mais difere o historiador do literato é, justamente, a preocupação com a veracidade dos fatos. Enquanto o historiador procura encontrar respostas o mais próximo possível da realidade, o literato não possui essa imposição.

Aristóteles, ilustre filósofo da Grécia antiga, contribuiu imensamente para o estabelecimento da diferença basilar entre o historiador e o poeta. Em seu livro “Poética”, é elucidado que a Poesia é uma forma de imitação (*mimese*), caracterizada por representar a natureza e a ação humana, portanto é algo natural e prazeroso para o homem. Diferentemente, a História não representa, mas sim relata os fatos. Desse modo, em referência à História e à Literatura, Aristóteles esclarece que

[...] um narra acontecimentos e o outro, fatos quais podiam acontecer. Por isso, a Poesia encerra mais filosofia e elevação do que a História; aquela enuncia verdades gerais; esta relata fatos particulares. Enunciar verdades gerais é dizer que espécie de coisas um indivíduo de natureza tal vem a dizer ou fazer verossímil ou necessariamente; a isso visa a Poesia, ainda quando nomeia personagens. Relatar fatos particulares é contar o que Alcibiades fez ou o que fizeram a ele” (ARISTÓTELES, 2014, p. 28).

Nesse viés, apesar da Literatura e da História possuírem métodos distintos, ambas acabam por se encontrar na medida em que apresentam representações do mundo social (PESAVENTO, 1995). Ainda em conformidade com a historiadora Sandra Pesavento, devemos compreender as narrativas histórica e literária

como discursos que respondem às indagações dos homens sobre o mundo, em todas as épocas. Narrativas que respondem às perguntas, expectativas, desejos e temores sobre a realidade, a História e a Literatura oferecem o mundo como texto (PESAVENTO, 2003, p. 32).

As narrativas histórica e literária, apesar de seus distanciamentos, têm seus discursos voltados a responder às indagações dos indivíduos ao decorrer dos séculos. Destarte, a presente pesquisa teve por objetivo captar quais eram os temores, as perguntas e as expectativas do escritor Charles Dickens ao observar a sociedade inglesa pós-industrial e registrar tais observações em seu livro “Tempos difíceis”.

## 2.2 O PIONEIRISMO INGLÊS NA PRIMEIRA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Como afirma Letícia Bicalho Canêdo (1994) acerca da Revolução Industrial, desde a descoberta do fogo, nada trouxe tão profundas e extensas transformações na

aparência física na Terra e no modo de viver e trabalhar dos homens. Ainda no que diz respeito às consequências da revolução, Lima e Oliveira Neto (2017) apontam que, de fato, esse período marcou profundamente a história, modificando toda a estrutura das sociedades, que, até então, eram, predominantemente, agrárias e passam a ser conduzidas por atividades industriais baseadas por princípios capitalistas. Um dos teóricos do socialismo científico, Friedrich Engels, salienta em seu livro “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra” que

Antes da introdução das máquinas, a fiação e a tecelagem das matérias-primas tinham lugar na casa do trabalhador. A mulher e os filhos fiavam e, com o fio, o homem tecia – quando o chefe da família não o fazia, o fio era vendido. Essas famílias tecelãs viviam em geral nos campos vizinhos às cidades e o que ganhavam assegurava perfeitamente sua existência [...] (ENGELS, 2008, p. 45).

Nesse viés, Engels vem mostrar o quanto a Revolução Industrial modificou a vida, os valores e os costumes dos camponeses, já que esses viviam e trabalhavam para sua subsistência e não em prol das fábricas, como ocorreu com o desenrolar da revolução. A obra supracitada de Engels é fulcral para entendermos a Primeira Revolução Industrial e seus efeitos sociais e econômicos na sociedade inglesa e, principalmente, a questão da classe trabalhadora.

No entanto, é necessário se perguntar o porquê de esse acontecimento tão marcante ter ocorrido notadamente na Inglaterra. Ainda em concordância com (ENGELS, 2008, p. 45)

A Inglaterra constitui o terreno clássico dessa revolução, que foi tanto mais grandiosa quanto mais silenciosamente se realizou. É por isso que a Inglaterra é também o país clássico para o desenvolvimento do principal resultado dessa revolução: o proletariado. Somente na Inglaterra o proletariado pode ser estudado em todos os seus aspectos e relações.

Descrever os motivos do pioneirismo inglês é uma tarefa complexa, já que são vários os acontecimentos que influenciaram de uma forma ou de outra a ocorrência desse fato. Dentre as razões preponderantes desse pioneirismo, destacam-se a acumulação de capital, os cercamentos (*Enclosure Acts*) e as inovações técnicas, como a máquina de vapor e outras. Todas essas razões estão intimamente interligadas com o desenvolvimento do capitalismo, já que esse modo de produção favoreceu o progresso técnico e não o contrário (COGGIOLA, 1991). Todavia, é válido afirmar que, mesmo sendo a Inglaterra a pioneira da revolução, essas condições

[...] não são determinantes, mas apenas colaboraram para a Revolução Industrial, pois diversas outras regiões do mundo, mesmo naquela época, já apresentavam alguns

desses fatores e não foram pioneiros na industrialização (CASTANHO, 2008, p. 3).

O processo de acumulação de capital na Inglaterra iniciou-se, em um primeiro momento, após a denominada Revolução Inglesa (1642-1653), que rompeu de vez com o sistema feudal. Posterior a isso, o colonialismo foi fulcral para tal acumulação, visto que colônias da Inglaterra como a Índia, América do Norte e algumas ilhas oceânicas forneciam imensas riquezas, bem como o trabalho escravo (CASTANHO, 2008).

Seguindo a premissa da acumulação de capital, os cercamentos contribuíram enormemente para propiciar o cenário da revolução, já que os burgueses expulsaram os camponeses de suas terras para criar pastagens de ovelhas com a finalidade de expandir a manufatura de lã e, conseqüentemente, a ampliação da indústria têxtil que impulsionou a criação de novas tecnologias, a fim de aumentar cada vez mais a produção (ANDRADE, 2018). Ademais, os camponeses, ao serem despejados de suas terras, não tiveram outra opção a não ser seguirem rumo às cidades, o que formou, em um futuro momento, o contingente de proletariados para trabalharem nas fábricas (CASTANHO, 2008).

Por conseguinte, as inovações técnicas foram o marco central do início da revolução. Segundo a historiadora Canêdo (1994), esse cenário só foi possível devido à junção entre a ciência e a técnica e que, conseqüentemente, visava ao lucro e à praticidade. Ainda em consonância com a autora, essas “[...] transformações se tornaram visíveis por volta de 1780. Nesta data, todos os índices estatísticos relevantes ligados aos cuidados com o vapor, a tecelagem, a cerâmica, a mineração e a metalurgia deram uma guinada[...]” (CANÊDO, 1994, p. 11).

## 2.3 TEMPOS DIFÍCEIS NA INGLATERRA PÓS-INDUSTRIAL: A MISÉRIA DA CONDIÇÃO HUMANA REPRESENTADA POR MEIO DA OBRA LITERÁRIA

Como foi abordado anteriormente, a Literatura pode ser uma fonte histórica de grande valor, contribuindo para o saber histórico. Ademais, foi discorrido acerca das causas basilares do pioneirismo da Inglaterra no que tange à Primeira Revolução Industrial. Nesse viés, tendo demonstrado essas questões pertinentes, são retratadas nesse tópico as transformações sociais oriundas desse período que impulsionaram o cenário de miséria da condição humana na Inglaterra do século XIX.

### 2.3.1 Charles Dickens e sua obra “Tempos difíceis”: o retrato do declínio da sociedade vitoriana

Charles John Huffam Dickens, autor da obra analisada, nasceu no sul da Inglaterra em Portsmouth, em 07 de fevereiro de 1812 e faleceu em 09 de junho de 1870 em Londres. Dickens foi um célebre romancista da Era Vitoriana, reconhecido por sua posição crítica e sua genialidade literária.

A Era Vitoriana foi o período do reinado da Rainha Vitória, de 1837 até 1901 na Inglaterra. De fato, foi uma época de muito progresso, principalmente no campo da indústria, gerando inúmeras riquezas para o país, além de representar um modelo social

para todo o ocidente. Entretanto, foi um período de grandes contrastes, em que havia inúmeras doenças, mortes e violência (SANTANA; SENKO, 2016). Assim sendo, especificamente a obra “Tempos difíceis”, de Dickens, evidencia “esse paradoxo entre luz e sombra” (SANTANA; SENKO, 2016, p. 191).

“Tempos difíceis” foi publicado inicialmente através dos folhetins no próprio jornal de Dickens, o *Household Words*. Acerca desse romance, Socha (2018, p. 14) esclarece:

Os folhetins de *Tempos difíceis*, publicados totalmente no primeiro semestre do ano de 1854, demonstram o cotidiano da cidade fictícia de Coketown, no Norte da Inglaterra, remetendo à situação observada pelo escritor em Manchester, em anos anteriores, e Londres, sua cidade natal. Dentro da história, os personagens desenvolvem-se a partir de um mundo em industrialização, onde sonhos e sentimentos perdem a essência, visando o trabalho e a alienação do povo, apresentados pelas figuras do rico industrialista, o Sr. Bounderby, e do dono da escola com bases utilitaristas, o Sr. Gradgrind, além dos operários e trabalhadores da cidade que também são partes desse sistema, como Stephen Blackpool e Rachael.

Nesse sentido, fica evidente o compromisso literário de Dickens ao escrever tal obra baseada nas suas observações da sociedade londrina do século XIX. No entanto, o que torna o trabalho literário de Dickens tão relevante para compreender a sociedade após a Revolução Industrial é, justamente, a atenção dada aos pobres. Dickens tinha uma verdadeira simpatia pela classe trabalhadora, tanto é que era reconhecido como o “pai dos pobres” (CÁRDENAS, 2005).

Para compreender essa simpatia que Dickens possuía com a classe pobre, é preciso abordar como o autor era influenciado pela Lei dos Pobres de 1834. Um dos aspectos dessa lei era, precisamente, a divisão entre os pobres “com mérito” e os pobres “sem mérito”. Assim, Dickens defendia os pobres “com mérito”, que consistiam na classe trabalhadora que, dia após dia, lutavam pela sobrevivência (CÁRDENAS, 2005).

O personagem Stephen Blackpool, de “Tempos difíceis”, é a exemplificação dessa simpatia pelos “pobres com mérito”. Stephen é um típico trabalhador das fábricas industriais, que, mesmo com as incontáveis dificuldades em seu caminho, continua batalhando por uma vida melhor. Stephen foi descrito por Dickens como um indivíduo que

[...] tinha uma aparência envelhecida, consequência da dureza que a vida lhe reservara. Costuma-se dizer que toda vida tem suas rosas e seus espinhos; parecia, no entanto, que no caso de Stephen as rosas couberam a outra pessoa qualquer, tendo restado a ele as duas parcelas de espinhos. Ele conheceu, de acordo com suas palavras, um sem-número de problemas (DICKENS, 2017, p. 86).



Porém, apesar de Stephen simbolizar uma classe resiliente, a imagem representada na obra revela a vida miserável que os operários viviam em decorrência da Revolução Industrial. Maria Stella Bresciani, em seu livro “Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza”, discorre acerca dessa questão, mencionando que

[...] a repetição continuada das mesmas tarefas impostas pela máquina leva o trabalhador superexplorado por uma jornada de trabalho muito longa a viver sob o imperativo de determinações exteriores a ele. Afastado de qualquer atividade do pensamento, esses homens perdem exatamente aquilo que os diferencia dos seres irracionais. No fim do percurso, encontramos homens reduzidos a meros seres instintivos [...] (BRESCIANI, 1994, p. 61).

Percebe-se que o operário inglês, além de viver em um ambiente extremamente desorganizado e sem uma infraestrutura básica, perdeu suas características básicas, como a autonomia e a capacidade de pensar em decorrência das atividades repetitivas da fábrica. Essa condição foi denominada por Karl Marx como um processo de alienação, em que

O trabalhador, no processo de trabalho, condensa sua vida no objeto de trabalho, que a suga como se fosse sua. No final do processo de intercâmbio com a natureza, o produto não o pertence, mas, sim, a outro, exercendo um poder autônomo ao produtor (IORA, 2020, p. 192).

Ainda em conformidade com Bresciani (1994, p. 7), “Nenhuma questão se apresenta mais carregada de compromissos para os literatos do século XIX do que a multidão”. Portanto, as obras literárias daquele período, particularmente a obra “Tempos difíceis”, foram marcadas por esse interesse em observar os indivíduos, a sociedade e suas transformações.

Ademais, ao compreender a Literatura como uma representação da sociedade, como foi abordado anteriormente, torna-se visível o quanto a obra dickensiana foi e é relevante para entendermos a questão da pobreza na Inglaterra industrial e todos os seus desdobramentos sociais. Não é à toa que, como cita Gibson Filho (2020), Karl Marx tinha como um dos seus escritores preferidos Charles Dickens, já que esse autor descrevia com maestria em seus romances questões como o processo de alienação.

Dickens, com seu olhar crítico e perspicaz, criou personagens considerados torpes para a sociedade da época, como o órfão Oliver Twist, a prostituta Nancy, o judeu Fagin, a criança varredora de rua, Jô, entre outros diversos personagens geniais. Ademais, Dickens não trabalhou apenas com a criação de personagens marginalizados, mas auxiliou, de fato, esses indivíduos a terem melhores oportunidades, como aponta Veiga (2018, p. 56):

Dickens, escritor e jornalista do período vitoriano, muito se dedicou às causas sociais, juntamente com a baronesa

Angela Georgina Burdett-Coutts. Juntos, desenvolveram trabalhos filantrópicos, chegando a fundar um abrigo, conhecido como Urania Cottage, objetivando abrigar as prostitutas, além de lá poderem aprender uma profissão.

Ler as obras de Dickens, nas quais se encontram esses personagens marginalizados pelo processo de industrialização na Inglaterra, é entender o lado obscuro da Revolução Industrial. É compreender que a consolidação do capitalismo se deu através de uma intensa e massiva superexploração dos operários.

### 2.3.2 Condições de trabalho na Inglaterra após a Primeira Revolução Industrial

O trabalho na Inglaterra antes da Primeira Revolução Industrial era baseado principalmente nas atividades da agricultura, fiação e tecelagem. Especificamente a fiação e a tecelagem eram realizadas nas próprias casas dos trabalhadores, que eram localizadas no campo. Esses trabalhadores produziam apenas para a subsistência de sua família e inexistia a concorrência de mercado. A alimentação era fornecida por meio da agricultura familiar realizada em pastos comuns, e, o mais importante, aqueles trabalhadores tinham acesso direto aos meios de produção (MARTINS, 2008).

Friedrich Engels descreveu uma síntese detalhada da rotina dos camponeses antes da Primeira Revolução, sendo de muita importância para entendermos a profunda e brusca modificação daqueles indivíduos. Em um momento anterior à Primeira Revolução Industrial.

[...] os trabalhadores sobreviviam suportavelmente e levavam uma vida honesta e tranquila, piedosa e honrada; sua situação material era bem superior à de seus sucessores: não precisavam matar-se de trabalhar, não faziam mais do que desejavam e, no entanto, ganhavam para cobrir suas necessidades e dispunham de tempo para um trabalho sadio em seu jardim ou em seu campo, trabalho que para eles era uma forma de descanso; e podiam, ainda, participar com seus vizinhos de passatempos e distrações – jogos que contribuía para a manutenção de sua saúde e para o revigoramento de seu corpo. Em sua maioria, eram pessoas de complexão robusta, fisicamente em pouco ou nada diversas de seus vizinhos campônios. Seus filhos cresciam respirando o ar puro do campo e, se tinham de ajudar os pais, faziam-no ocasionalmente, jamais numa jornada de trabalho de oito ou doze horas (ENGELS, 2008, p. 46).

Não obstante, com o advento da Primeira Revolução Industrial, profundas transformações na sociedade inglesa se consolidaram, e, sem dúvidas, uma das maiores consequências desse momento foi o surgimento de uma nova classe social: o proletariado. O historiador Osvaldo Coggiola, assim descreveu o nascimento do proletário:

A classe operária moderna é produto do desenvolvimento do modo de produção capitalista, sistema econômico que não deve ser confundido com qualquer atividade que vise ao lucro (atividade que existe desde a mais remota antiguidade), nem com as mudanças técnicas que determinaram o nascimento de novos instrumentos de produção. Não foi a revolução técnico-científica que possibilitou o surgimento do capitalismo, mas o contrário: foi o desenvolvimento das condições econômicas do capitalismo que possibilitou aquelas mudanças (COGGIOLA, 1991, p. 7).

Portanto, Coggiola menciona que as condições econômicas do capitalismo é que favoreceram o progresso técnico e, conseqüentemente, a consolidação desse modo de produção. Assim sendo, como foi abordado anteriormente, a Inglaterra foi a pioneira a propiciar as condições necessárias para o desenvolvimento do capitalismo, que, inclusive, foi consolidado com a Primeira Revolução Industrial.

Ao discutir acerca da formação da classe operária inglesa, torna-se imprescindível mencionar a contribuição de E. P. Thompson<sup>1</sup>. Sobre esse aspecto, Popinigis (2015) elucida, em seu artigo “Thompson e a experiência da classe trabalhadora”, a tese central dos estudos do autor. Thompson, através de suas pesquisas, tentou recuperar o ponto fulcral do processo de luta de classes na história, buscando abordagens diversas sobre a realidade social e a vida dos trabalhadores. Ademais, Thompson fez críticas ao estruturalismo marxista, já que para ele a classe é um processo histórico, sendo os homens agentes conscientes desse processo em que a experiência é um conceito fundamental para compreendê-lo.

A maior parte desses conceitos sobre a classe operária encontram -se no livro “A formação da classe operária inglesa”, editado em 1963 e dividido em três partes. O livro causou uma verdadeira polêmica, já que Thompson criticou ferozmente as análises estruturalistas dos autores da tradição marxista (POPINIGIS, 2015). Exemplificando esse conceito de classe para Thompson, no prefácio do livro “A formação da classe operária inglesa”, o autor salienta:

Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno *histórico*. Não vejo a classe como estrutura, nem mesmo

---

<sup>1</sup> Thompson foi provavelmente o historiador marxista de maior repercussão no séc. XX. Seu livro “A formação da classe operária inglesa” é reconhecido como um clássico da historiografia marxista. Foi um dedicado ativista da paz, tendo atuado no British Peace Committee e lutado contra as guerras da Coréia, Quênia, Malásia, Chipre e Argélia. Ingressou no Partido Comunista durante a Segunda Guerra Mundial. Após a revolta na Hungria deixou o Partido Comunista e fundou a revista socialista humanista “New Reasoner”, que, após fundir-se com outra publicação, deu origem ao “New Left Review”.

como uma “categoria”, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas (THOMPSON, 2021, p. 9-10).

Retornando para a obra central da pesquisa, “Tempos difíceis”, Dickens deixa muito evidente a questão da luta de classes entre seus personagens. Em um diálogo entre uma das protagonistas, Louisa, e a trabalhadora fabril Rachel, percebe-se essa distância entre os burgueses e os proletários. Rachel se dirige à burguesa Louisa dizendo que “A gente da sua classe não nos conhece, não se importa conosco, é diferente de nós” (DICKENS, 2017, p. 293).

Discorrido sobre a questão da formação da classe operária inglesa, cabe analisar a rotina desses trabalhadores nas fábricas, minas e ferrovias, já que foram “[...] os agentes geradores da nova cidade [...]” (MUMFORD, 1998, p. 483). Além disso, é necessário entender que a inserção desses trabalhadores, que, como aponta Coggiola (1991) anteriormente, eram antigos camponeses expropriados ou expulsos de suas terras e artesões que perderam o acesso às suas ferramentas de trabalho, não ocorreu de forma organizada e pacífica.

A Revolução Industrial ocorreu de forma extremamente rápida e desorganizada, provocando profundas alterações nas vidas dos camponeses. Sobre esse aspecto, Martins (2008, p. 22) demonstra:

Embora a Aristocracia e a classe média se mostrassem satisfeitas com os resultados da Revolução Industrial, a classe trabalhadora viu-se forçada a enfrentar condições de vida extremamente difíceis, pois o trabalho nas novas unidades fabris impunha regras rígidas, assim como tarefas rotineiras e monótonas. Na sociedade pré-industrial, o ciclo das estações e o tempo atmosférico afetavam o ritmo do trabalho, ou seja, a rotina imposta pelo relógio não estava ainda instituída. Assim, os trabalhadores sentiram grandes dificuldades na adaptação ao ritmo imposto pelas indústrias, as quais tinham como principal objetivo aumentar a produção, de forma a gerar o maior lucro possível.

Dickens ilustra, em “Tempos difíceis”, essa rotina monótona e rígida nas fábricas: “O alarido dos tamancos sobre o pavimento; o soar apressado dos sinos; e todas as máquinas melancolicamente desvairadas, polidas e lubrificadas para a monotonia do dia, estavam outra vez a pleno vapor” (DICKENS, 2017, p. 92).

Os trabalhadores possuíam dificuldades em se adaptar ao novo sistema fabril e a toda sua disciplina. O próprio conceito de tempo foi alterado, já que, antes das fábricas, ele era medido através do ritmo da natureza. O tempo após a Primeira Revolução Industrial era medido pelos relógios e cada segundo valia dinheiro, sendo, também, um instrumento para controlar os trabalhadores. Conforme aponta De Decca e Meneguello (1999, p. 38) havia uma grande diferença entre o trabalho no campo e o trabalho fabril, sendo este último muito

[...] distinto das atividades realizadas no campo ou em casa, pois era disciplinado, cansativo, repetitivo. As condições na fábrica eram prejudiciais à saúde, o ar, quase irrespirável (principalmente nas tecelagens, onde fiapos de lã flutuavam pelo ar), e o vapor e o calor das máquinas faziam com que muitos trabalhassem descalços, com os pés constantemente dentro da água para esfriar os mecanismos.

Além das fábricas, havia inúmeras minas de carvão que se expandiram na Inglaterra pós-industrial, devido à grande demanda para o abastecimento da indústria. O personagem Stephen, já no final do romance, acaba sofrendo um acidente em uma mina, o que lhe custa a vida. Entretanto, o ponto fulcral a ser discutido é, propriamente, a questão de que a “arte imita a vida”, ou seja, Dickens, ao criar esse enredo, baseou-se nas experiências observadas por ele – retomando novamente o conceito do mundo como texto elaborado por Pesavento. Naquele período, acidentes em minas eram corriqueiros e quase sempre fatais, devido às condições insalubres daqueles ambientes, descritos pelo personagem Stephen como lugares com “gases inflamáveis mais desgraçados que uma guerra” (DICKENS, 2017, p. 317).

O trabalho nas ferrovias esteve diretamente ligado ao trabalho nas minas. A necessidade de transportar o carvão aumentava consideravelmente. Sobre essa necessidade Canêdo (1994, p. 49) expõe:

Inicialmente, pensou-se na colocação de trilhos para o transporte do carvão em carros de mão que iam das minas até um canal ou rio. Mais tarde colocaram, sobre esses trilhos, vagões puxados por cavalos. Mais interessante foi quando se descobriu, por volta de 1812, a possibilidade de acionar os carros por meio de máquinas a vapor móveis (locomotivas). Com isso pode-se ligar uma mina de carvão, distante dos rios, até um porto marítimo por meio de uma longa ferrovia. E exportar o produto.

Essa evolução no sistema de transporte, especificamente do carvão, foi fulcral para a expansão das exportações britânicas e, conseqüentemente, para a abertura de novos mercados.

Todavia, apesar do trabalho nas fábricas, minas e ferrovias serem realizados por pessoas, em geral, pobres, havia uma distinção entre os sexos. Essa é uma questão importante ao discutir o trabalho na Primeira Revolução Industrial, já que o trabalho feminino foi de extrema importância naquele cenário. Sendo assim, é de grande necessidade compreender que o trabalho feminino sempre existiu, quando as mulheres contribuíram grandemente em vários aspectos. Porém, o que se percebe é uma marginalização da mulher como integrante da sociedade, já que suas conquistas e feitos são apagados, inclusive pela própria historiografia. É diante dessa problemática que se

torna ainda mais urgente discutir essa temática, evidenciando a contribuição do trabalho feminino no momento histórico estudado na pesquisa.

Nessa perspectiva, em concordância com a obra “Tempos difíceis”, de Dickens, a questão do trabalho feminino na Primeira Revolução Industrial foi simbolizada pela figura de Rachael, descrita como uma mulher de

[...] um rosto tranquilo e delicado, de formato oval e pele escura, iluminado por um par de olhos muito meigos, realçados pela perfeita arrumação de seus cabelos negros e brilhantes. Não era uma face recém-desabrochada; a mulher já chegara aos trinta e cinco anos de idade (DICKENS, 2017, p. 88).

Rachael, apesar de conter características físicas consideradas clichês, personifica a condição de trabalhadoras na Inglaterra industrial. Ao falar de trabalho feminino na Primeira Revolução Industrial, é imprescindível abordar que as mulheres daquele período viviam em uma sociedade patriarcal. Vivendo em uma sociedade dominada pela figura masculina, aquelas mulheres encontravam diversos empecilhos para serem reconhecidas por seus valores. Acerca desse ponto, Martins (2008, p. 61) elucida:

Sendo o trabalho feminino suplementar em relação ao masculino, ganhavam ordenados baixos; também não recebiam treino para uma possível especialização, por serem consideradas capazes de desempenhar várias funções, mesmo sem treino específico. Como consequência, foram continuamente afastadas do trabalho qualificado e mais bem pago. Por serem encaradas como trabalhadoras de segunda categoria, foram excluídas das funções mais respeitadas, faziam as tarefas auxiliares ou as preparatórias que antecedia as importantes.

Torna-se perceptível a influência do patriarcalismo na Primeira Revolução Industrial. Todo esse cenário de desqualificação da mulher como membro da sociedade, somado ao caos social instaurado pela industrialização desorganizada, resultou em várias problemáticas na Inglaterra, como a prostituição, como veremos no subtópico adiante.

### **2.3.3 A crítica à sociedade industrial e utilitarista por meio dos personagens Sr. Bounderby e Thomas Gradgrind**

É necessário compreender que o desenvolvimento e o crescimento das cidades industriais foram respaldados pelos princípios utilitaristas que defendiam, em suma, o *laissezfaire*. A sociedade vitoriana, fortemente influenciada pelos estudos de Darwin, acreditava que o acaso era uma dádiva e, portanto, não era necessária a intervenção humana na evolução natural (MUMFORD, 1998). Dessa maneira,

Foi seguindo o que presumiam ser o modo da natureza que o industrial e o funcionário municipal produziram a nova espécie de cidade, um amontoado humano fundido e desnaturado, adaptado não às necessidades da vida, mas à mítica 'luta pela existência'; um ambiente cuja própria deterioração testemunhava o quanto era impiedosa e intensa aquela luta (MUMDORD, 1998, p. 490).

Percebe-se que as cidades industriais nasceram sem nenhum planejamento, e, com o advento dos princípios do utilitarismo, o ambiente foi se degradando ainda mais. Os chamados industriais se enriqueciam cada vez mais, enquanto os trabalhadores pobres tinham que vender sua força de trabalho e viver em péssimas condições de vida.

O personagem do Sr. Bounderby foi criado por Dickens para simbolizar toda a sátira da camada burguesa industrial da Inglaterra do século XIX. Esse personagem, tão importante para compreendermos o papel dos industriais ingleses, foi descrito como

[...] um homem rico-banqueiro, comerciante, industrial, e muito mais. Um homem grande e espalhafatoso, de olhar decidido e risada estridente. Um homem feito de matéria grosseira que parecia ter sido distendida para dar conta do recado. Um homem de cabeça e testa grandes e dilatadas, veias intumescidas nas têmporas e a pele do rosto de tal modo esticada que dava a impressão de lhe manter os olhos permanentemente abertos e as sobrancelhas sempre levantadas. [...] Um homem que se alimentava da necessidade de alardear a todo instante que seu sucesso fora conquistado por esforço próprio. Um homem que vivia a proclamar, com voz de trombone, sua antiga condição de ignorância e pobreza. Enfim, um fanfarrão da humildade (DICKENS, 2017, p. 33).

O Sr. Bounderby, como um ilustre industrial, pregava sempre em seus discursos a questão do mérito pessoal. Esse é um ponto central para compreendermos a crítica de Dickens. Em um diálogo do Sr. Bounderby com a Senhora Grandgrind, ele menciona como conseguiu sair da condição de uma pobre criança para um rico industrial:

– Como consegui me livrar de tudo isso, não faço ideia. [...] Foi determinação, imagino. Tornei-me mais tarde um indivíduo determinado e suponho que já o fosse naquela época. De qualquer modo, cá estou eu, senhora Gradgrind; e devo esse triunfo exclusivamente a mim mesmo, ninguém mais (DICKENS, 2017, p. 34).

Esse trecho revela a crítica de Dickens à ideia errônea de que, se havia pessoas pobres e vivendo na miséria, era simplesmente pelo fato de que lhes faltavam determinação. É imprescindível entendermos que a sociedade inglesa pós-industrial

estava impregnada pela pobreza, que era mantida pelos industriais, a fim de não perderem seus privilégios.

No tocante ao personagem do professor Gradgrind, este nos é apresentado assim:

Um homem cuja vida é pautada pelo princípio da verdade. Um homem de fatos e ponderações. Um homem para quem dois e dois são quatro, nada mais, e não é possível persuadi-lo do contrário. [...] Com uma régua, um par de escalas e uma tabuada sempre em seu bolso, invariavelmente pronto para pesar e avaliar qualquer fragmento da natureza humana e lhe dizer seu exato significado (DICKENS, 2017, p. 20).

Logo no início do livro é perceptível a árdua crítica à sociedade dos fatos, crítica que permeará toda a história. É válido explicitar que essa sociedade dos fatos se refere aos sistemas morais, políticos, sociais e culturais vigentes principalmente no século XIX, em que a ciência e a razão eram seus pilares. Assim, logo no primeiro capítulo, Gradgrind, o professor, começa sua palestra afirmando:

O que quero agora são Fatos. Ensine a essa turma de meninos e meninas nada mais do que Fatos. Tão somente de Fatos a vida necessita. Plante apenas isso, e colha todas as outras coisas. A formação da mente de seres pensantes deve ser pautada apenas por Fatos: nada mais terá para eles qualquer serventia (DICKENS, 2017, p. 19).

Desse modo, um dos principais pontos a serem analisados em concordância com a obra de Dickens é, propriamente, a crítica ao utilitarismo, teoria que estava em voga na Inglaterra do século XIX. O utilitarismo foi um princípio político formulado em um primeiro momento por Jeremy Bentham (1748-1832), porém foi Stuart Mill quem impulsionou esse conceito. Em suma, a ideia balizadora desse conceito está “nas ações do Estado para buscar a felicidade para o maior número possível de pessoas como objeto último de toda legislação” (MAGALHÃES, 2021, p. 10). Portanto, o Estado utilizava o “cálculo utilitário” para atender o desejo de felicidade da maioria em detrimento da minoria. No tocante ao referido cálculo, Magalhães (2021, p. 11) ilustra com

[...] o caso do afastamento dos mendigos nas ruas de Londres. Bentham considerava que a sociedade estava infeliz vendo os mendigos nas ruas, então eles seriam obrigatoriamente retirados das ruas e levados para abrigos. O resultado do cálculo utilitário é o impacto que pode ser qualificado em uma decisão a ser tomada em razão da prioridade da maior quantidade de pessoas felizes na sociedade, mesmo que uma minoria rejeitada sofresse uma punição: ser presa nos abrigos. Isto feito, observa-se a maioria da sociedade satisfeita e se sentindo



mais confortável com relação ao repúdio aos mendigos. Portanto, puramente racional, o cálculo utilitário determina uma punição para privilegiar o maior número de pessoas e atender a satisfação da sociedade.

Em “Tempos difíceis”, é perceptível a influência do utilitarismo nas personagens. Logo no início, o Sr. Gradgrind, profundamente revoltado com a presença do circo Sleary, decide expulsar uma de suas alunas, Sissy, puramente por ser filha de um dos artistas. Sissy representa para o Sr. Gradgrind o oposto do racionalismo, ou seja, uma ameaça ao sistema de fatos, portanto, era necessária uma punição para a menina em favor da maioria de seus alunos.

É imprescindível compreendermos que a questão da condição humana na Inglaterra após a Primeira Revolução Industrial foi totalmente sujeitada às filosofias que mais se adequavam ao sistema industrial vigente na época, como o utilitarismo. Os burgueses industriais acreditavam que deveriam se portar como verdadeiras máquinas, desconsiderando tudo aquilo que não visava ao lucro – como as necessidades básicas dos pobres (SANTURIO, 2020).

### 2.3.4 O espetáculo da miséria simbolizada por Coketown

O historiador Lewis Mumford contribuiu fortemente para os estudos sobre as questões urbanas. Suas pesquisas retratam as consequências da tecnologia na sociedade, principalmente sobre o aspecto da desumanização dos indivíduos nesse processo. Para Mumford, há três fases na História: a eotécnica (século X - XVII), a paleotécnica (XVII - XX) e a neotécnica (iniciada no século XX). Para elaborar a divisão dessas três fases distintas, mas que se interpenetram, Mumford baseou-se nos recursos e matérias-primas utilizadas, nos meios de produção, nos tipos de trabalhadores, na utilização de energia e nos estilos de vida.

Destarte, Mumford, no seu livro “A cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas”, cita, justamente, a cidade fictícia de Coketown criada por Dickens. Mumford refere-se a Coketown como o “Paraíso paleotécnico”, atribuindo essa cidade fictícia a realidade da era industrial, marcada por suas “[...] sombrias colmeias, a fumar ativamente, a bater, guinchar, a expelir rolos de fumo de doze a quatorze horas do dia, algumas vezes durante as vinte e quatro horas” (MUMFORD, 1998, p. 483).

Além da miséria moral na Inglaterra, a degradação e a pobreza do espaço físico são outro ponto ressaltado na obra de Dickens. A Primeira Revolução Industrial alterou drasticamente a geografia da Inglaterra. Tal transformação foi provocada em maior parte devido à instauração e à expansão das fábricas, que, conforme cita Thompson (1987, p. 11), “surge como o símbolo das energias sociais que estão destruindo o verdadeiro ‘curso da natureza’”. Assim sendo, a cidade fictícia do romance analisado, Coketown, foi descrita como uma

[...] cidade de tijolos vermelhos, ou melhor, de tijolos que seriam vermelhos caso a fumaça e as cinzas assim

tivessem permitido; mas, nas condições reinantes, ela se transformara em uma cidade artificialmente tingida de vermelho e preto, como o rosto de um selvagem; uma cidade de máquinas e chaminés altas, das quais brotavam intermináveis carretéis de fumaça, serpenteando indefinidamente sem jamais se desenrolar. Ela era atravessada por um canal preto e um rio cor de púrpura, malcheiroso” (DICKENS, 2017, p. 41).

Nesse viés, em conformidade com Mumford (1998, p. 484), “Em grau maior ou menor, todas as cidades do mundo ocidental foram marcadas com as características arquetípicas de Coketown”. Dickens, através de sua escrita fictícia, conseguiu representar todas as regiões industriais do ocidente, denunciando a degradação do ambiente e, conseqüentemente, a miséria da condição humana.

É possível captar através da descrição de Coketown, um problema substancial da Inglaterra pós-industrial: a poluição do ar, das cidades e dos rios em decorrência das inúmeras fábricas. Ademais, naquele período, a aglomeração nas cidades foi outro problema extremamente grave “[...] pois implica numerosos problemas ambientais, como o acúmulo de lixo, o enorme volume de esgotos, os congestionamentos de tráfego, etc.” (LEAL; DE FARIAS, 2008, p. 4).

Com o advento da Primeira Revolução Industrial, as cidades começaram a alojar milhares de indivíduos em busca de melhores condições de vida. Todavia, esses espaços urbanos não ofereciam o mínimo de infraestrutura para a população, resultando em bairros com condições insalubres. O cenário era tão catastrófico que Mumford (1998, p. 484) afirma que “[...] a destruição e desordem, dentro das grandes cidades, é semelhante àquela de um campo de batalha [...]”. No que se refere às habitações das famílias inglesa, Martins (2008, p. 37) esclarece que

[...] os espaços providenciados tornavam-se pouco saudáveis e as suas residências acanhadas, na medida em que se amontoavam várias famílias na mesma habitação, de modo a reduzir os encargos com a renda, mesmo que o espaço disponível fosse reduzido. Nesta altura, um grande número de famílias, apesar de possuir apenas um quarto, recebia pessoas durante a noite, de forma a obter algum dinheiro. Curiosamente, estes hóspedes chegavam a dormir na mesma cama do casal. Numa mesma divisão, amontoavam-se colchões e um número surpreendente de pessoas. Como consequência, cada uma destas habitações constituía um antro de promiscuidade, imoralidade, vício e crime.

Nesse sentido, fica nítido como a degradação do espaço físico decorrente da Revolução Industrial influenciou também a miséria da moralidade daqueles indivíduos. A prostituição e a criminalidade aumentaram de forma estrondosa.

A prostituição foi uma realidade na sociedade inglesa pós-industrial, visto que milhares de mulheres pobres tiveram que se sujeitar a essa prática. Entretanto, é

necessário salientar que a sociedade vitoriana do século XIX era extremamente moralizante, reprimindo fortemente o ato sexual que não tivesse como finalidade a reprodução. Sobre esse ponto, Veiga (2018, p. 147) expõe que

[...] o sexo tornou-se caso de polícia, sendo necessário regulá-lo por intermédio de discursos públicos, não por meio da proibição, sendo utilizado em diversos ramos como na psicologia, na medicina, na psiquiatria, na demografia, na crítica política, dentre outros.

Além dessas formas de reprimir o sexo, a Igreja possuía um forte papel nessa questão, sendo ela responsável por elaborar “[...] regras diretamente ligadas ao julgamento de justiça, condenando o adultério, o rapto, o casamento não consentido pelos pais, a homossexualidade e outros” (VEIGA, 2018, p. 147). Porém, apesar de todo o cenário de repressão sexual, em alguns casos a prostituição era aceita e até incentivada em Londres, isso porque acreditavam que os homens necessitavam extravasar seus desejos sexuais reprimidos em casa (VEIGA, 2018).

Dados apontam que, em Londres, havia cerca de 80.000 mulheres trabalhando como prostitutas; todavia, é preciso compreender que a prostituição não era homogênea, sendo as prostitutas divididas em diferentes níveis:

1º) A classe baixa, formada por jovens mulheres, forçadas a dormir com homens que a madame dos bordéis lhes indicava; 2º) A classe média, formada por mulheres independentes, com apartamentos próprios, escolhendo seus próprios clientes; 3º) A classe alta, formada por mulheres bonitas, educadas, cujos clientes eram os aristocratas, membros do parlamento, chegando a trabalhar de forma exclusiva para um só homem, casando-se, por vezes, com ele (VEIGA, 2018, p. 155).

Assim, cabe analisar nesta pesquisa, justamente as mulheres da classe baixa, que, normalmente, não tinham outras opções, além de que muitas trabalhavam como prostitutas para complementar o salário recebido nas fábricas.

Dickens, como já citado, em sua obra “*Oliver Twist*”, aborda com excelência a realidade da prostituição na Inglaterra, criando a personagem Nancy. Destarte, essa personagem é a representação de todas as mulheres pobres que se prostituíam para garantir a sua sobrevivência e a de sua família.

A criminalidade foi outra problemática da rápida e desorganizada industrialização na Inglaterra. Após a Primeira Revolução Industrial, instaurou-se um clima instável decorrente do aumento desenfreado da população. O roubo tornou-se uma prática corriqueira, visto que as famílias mais pobres não possuíam bens basilares para sua sobrevivência. Novamente, o romance “*Oliver Twist*” exemplifica essa realidade através do personagem Fagin, que, inicialmente foi apresentado como “[...] um judeu muito velho e enrugado, cujo rosto repulsivo e de aparência malvada estava tapado por uma grande quantidade de cabelo vermelho desgrenhado” (DICKENS, 2019,

p. 53). É notável que Dickens usou os estereótipos dos ladrões de sua época, todavia esse personagem não deixa de ter um relevante papel para compreendermos a criminalidade na sociedade inglesa.

Dickens não se intimida em abordar a temática da criminalidade na obra “*Oliver Twist*”, como exemplo, a passagem em que Fagin mostra os itens roubados pelos “seus garotos”: “Pelo menos meia dúzia de relógios foram tirados da mesma caixa e examinados como o mesmo prazer, além de anéis, broches, pulseiras e outros artigos de joalheria [...]” (DICKENS, 2019, p. 55). Além de retratar a criminalidade, tem-se um recorte especial: as crianças criminosas. Essa foi uma realidade presenciada na Inglaterra pós-industrial.

Esse é mais um exemplo de como a miséria do espaço físico, incluindo a falta de acesso aos bens primários pela classe mais pobre, contribuiu para que esses indivíduos corrompessem sua moral em troca de sua mera sobrevivência (MARTINS, 2008).

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa, ficou nítido que a Primeira Revolução Industrial foi um evento histórico de inigualável valor, transformando drasticamente vários aspectos da vida humana. Todavia, as consequências desse período também alteraram profundamente a condição do indivíduo, principalmente o indivíduo inglês. Por meio de diversas pesquisas bibliográficas referentes à temática, pôde-se responder às indagações colocadas no início do estudo.

Compreendeu-se que a História e a Literatura, apesar de serem narrativas diferentes e possuírem metodologias adversas, podem e devem ser relacionadas para entender um determinado período histórico.

No tocante aos motivos basilares para o pioneirismo inglês na Revolução Industrial, apesar de serem complexos, destacaram-se três principais: a acumulação primitiva de capital, os cercamentos e as inovações tecnológicas.

Ademais, ficou nítido como a Primeira Revolução Industrial impulsionou um cenário degradante na Inglaterra, tanto no espaço físico quanto no aspecto da moralidade dos indivíduos. Como foi demonstrado, o cenário de trabalho daqueles ingleses era deprimente, as cidades eram repletas de criminalidade e precariedade. Foi descrita também a prostituição na Inglaterra industrial, um dos grandes problemas da época.

Concluiu-se que, apesar de ser uma pesquisa acadêmica de cunho histórico, não deixou de ser uma homenagem ao escritor Charles Dickens e a sua obra atemporal “*Tempos difíceis*”. Também não deixou de ser uma homenagem a todos os trabalhadores que foram oprimidos e tiveram sua condição de seres humanos negada pelos detentores do poder.

### REFERÊNCIAS

ANDRADE, D. de C. M. Historicidade da propriedade privada capitalista e os cercamentos. **Revista História: debates e tendências**, Passo Fundo, v. 18, n. 3, p. 408-

419, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5335/hdtv.18n.3.8597>. Acesso em: 10 abr. 2022.

ARISTÓTELES. **A poética clássica / Aristóteles, Horácio, Longino**. Introdução de Roberto de Oliveira Brandão. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2014.

BORGES, V. R. História e literatura: algumas considerações. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 94-109, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/28658>. Acesso em: 30 mar. 2022.

BRESCIANI, M. S. M. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. 8. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994. (Coleção Tudo é História; 52).

CANÊDO, L. B. **A Revolução Industrial**. 13. ed. rev. atual. São Paulo: Atual, 1994. (Discutindo a História).

CÁRDENAS, V. **Dickens e a Era Vitoriana: ascensão da indústria, declínio do homem**. 2005. Disponível em: <http://edufn.ufrn.br/handle/123456789/429>. Acesso em: 07 set. 2022.

CASTANHO, A. M. Direitos humanos na primeira revolução industrial. **ETIC - Encontro de Iniciação Científica**, Presidente Prudente, v. 4, n. 4, 2008. Disponível em: <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/1602>. Acesso em: 10 abr. 2022.

COGGIOLA, O. **Movimento e pensamento: operários antes de Marx**. Coleção: Tudo é História; 139. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991. (Coleção: Tudo é História; 139).

DE DECCA, E.; MENEGUELLO, C. **Fábricas e homens: a Revolução Industrial e o cotidiano dos trabalhadores**. Coordenação Marly Rodrigues, Maria Helena Simões Paes. São Paulo: Atual, 1999. (História Geral em Documentos).

LIMA, E. C. de; OLIVEIRA NETO, C. R. de. Revolução Industrial: considerações sobre o pioneirismo industrial inglês. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 17, n. 194, p. 102-113, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/32912>. Acesso em: 09 abr. 2022.

DICKENS, C. **Oliver Twist**. Tradução de João Sette Câmara. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2019.

DICKENS, C. **Tempos difíceis**. Tradução Lúcia Helena de Seixas P. Brito. Barueri, SP: Amarilys, 2017.

ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2008.

FACINA, A. **Literatura & Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

FERNANDES, L. dos S. **O historiador e a literatura como fonte histórica**. 2015. Disponível em: <https://rdu.unicesumar.edu.br/handle/123456789/2531>. Acesso em: 09 abr. 2022.

GIBSON FILHO, W. F. Doentes e Imundos: a representação da miséria a partir de doenças na Inglaterra da Revolução industrial em “Oliver Twist”, de Charles Dickens. **Revista Cadernos de Clio**, Curitiba, v. 10, n. 1, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/clio.v10i1.68599>. Acesso em: 25 set. 2022.

IORA, I. M. L. Alienação e exploração do trabalho em Karl Marx: atualidade e contribuições à sociologia contemporânea. **Revista Contraponto**, Porto Alegre, v. 7, n. 3, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/contraponto/article/view/109032>. Acesso em: 25 out. 2022.

LEAL, G. C. G.; FARIAS, M. S. S. de; ARAUJO, A. F. O processo de industrialização e seus impactos no meio ambiente urbano. **Qualitas Revista Eletrônica**, [S. l.], v. 7, n. 1, 2008. Disponível em: <http://arquivo.revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/128>. Acesso em: 06 maio 2022.

MAGALHÃES, G. B. Interpretações do utilitarismo. **Pensar - Revista Eletrônica da FAJE**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 9-19, 2021. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/4967>. Acesso em: 06 maio 2022.

MARTINS, O. G. **Condições de vida e de trabalho na Inglaterra da Revolução Industrial**. 2008. 150 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos Ingleses), Universidade Aberta, Lisboa, 2008. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/446>. Acesso em: 01 set. 2022.

MUMFORD, L. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. Tradução de Neil R. da Silva. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PEREIRA, N. M. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. **Anos 90: Revista do Programa de Pós-graduação em História**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 113-118, dez. 2008. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/31560>. Acesso em: 30 mar. 2022.

PESAVENTO, S. J. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. **Revista História da Educação**, São Leopoldo, v. 7, n. 14, p. 31-45, 2003. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30220>. Acesso em: 06 nov. 2022.

PESAVENTO, S. J. Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX e XX). **Anos 90: Revista do Programa de Pós-graduação**

em História, Porto Alegre, n. 4, p. 115-127, dez. 1995. Acesso em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31488/000142282.pdf?sequence=1>. Acesso em: 13 jun. 2022.

POPINIGIS, F. E. P. **Thompson e a experiência da classe trabalhadora**. 2015. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/67625017/POPINIGIS\\_Fabiane.\\_Thompson\\_e\\_a\\_experiencia\\_da\\_classe\\_trabalhadora-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1662589267&Signature=DXmSBrrIx0YjwAAmRf2bDAIXmsqJSofEZ0w~Jd3OR0dGEKEInF6HFmvInYfkJh~qw0fB8KtegCoJLtEUi8DAtAosdKutz9~lzy7DAQcOiGftVYgynz0a0N3gRVbUmTMAgEPY05BNy4YMZoHhKivIv6r-FwX9JkyudYyh25wL~-r0oBFL1zQZrW5JS3xwt0o7szWQq65Q6diLjBX-vFYS8q~T4koDQS5KXeAogyrdBHxURk5VcVeikcPiEoA~k64~tRQzmFgT1lr8VDRZxDYrPKb0Rec7oX7wpMclZT9I2Zm2xb2hlxFjXVY7S4-QnPhAuUCjCm2bapwRr19vUEcA\\_\\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/67625017/POPINIGIS_Fabiane._Thompson_e_a_experiencia_da_classe_trabalhadora-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1662589267&Signature=DXmSBrrIx0YjwAAmRf2bDAIXmsqJSofEZ0w~Jd3OR0dGEKEInF6HFmvInYfkJh~qw0fB8KtegCoJLtEUi8DAtAosdKutz9~lzy7DAQcOiGftVYgynz0a0N3gRVbUmTMAgEPY05BNy4YMZoHhKivIv6r-FwX9JkyudYyh25wL~-r0oBFL1zQZrW5JS3xwt0o7szWQq65Q6diLjBX-vFYS8q~T4koDQS5KXeAogyrdBHxURk5VcVeikcPiEoA~k64~tRQzmFgT1lr8VDRZxDYrPKb0Rec7oX7wpMclZT9I2Zm2xb2hlxFjXVY7S4-QnPhAuUCjCm2bapwRr19vUEcA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA). Acesso em: 07 set. 2022.

SANTANA, L. W. A.; SENKO, E. C. Perspectivas da Era Vitoriana: sociedade, vestuário, literatura e arte entre os séculos XIX e XX. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, Curitiba, n. 10, p. 189-215, 2016. Disponível em: <http://www.dialogosmediterrânicos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/209>. Acesso em: 07 set. 2022.

SANTURIO, R. F. *et al.* **Charles Dickens, educação infantil e democracia: uma visão de formação de indivíduos em “Oliver Twist” e “Hard Times”**. 2020. 94 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-graduação em Letras, Centro de Artes e Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/22796>. Acesso em: 06 nov. 2022.

SILVA, M.; PEREIRA, M. M. Crítica social e história em William Blake e Charles Dickens. **Revista e-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, Nilópolis, v. 2, n. 5, p. 123-135, 2011. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/268395525.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2022.

SOCHA, M. F. **Romances industriais do século XIX: proximidades e distanciamentos entre “Tempos difíceis”, de Charles Dickens, e “Norte e Sul”, de Elizabeth Gaskell**. 2018. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2018. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/2667>. Acesso em: 01 maio 2022.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa: a maldição de Adão**. Tradução Renato Bussato Neto, Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. 2.

THOMPSON, E. P. **A Formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade**. Tradução de Denise Bottmann. 12. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2021. v. 1.

A PRIMEIRA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E A MISERABILIDADE DA CONDIÇÃO HUMANA NA INGLATERRA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA OBRA “TEMPOS DIFÍCEIS”, DE CHARLES DICKENS

VEIGA, E. O. B. *et al.* Somos nós vitorianos?. **Educação, Gênero e Sociedade**, p. 144. 2018. Disponível em: [https://brasilmulticultural.org/wpcontent/uploads/2020/04/ebook-Educao\\_genero-sociedade.pdf#page=142](https://brasilmulticultural.org/wpcontent/uploads/2020/04/ebook-Educao_genero-sociedade.pdf#page=142). Acesso em: 25 set. 2022.